

Itinerário extramuros de Lúcio-Asno nas *Metamorphoses*, de Apuleio: topofobias na África romana (séc. II d.C.)

Itinerary outside the walls of Lucius-ass in the 'Metamorphoses' by Apuleius: topophobia in the Roman Africa (2nd century)

Belchior Monteiro Lima Neto*

Resumo: As topofobias associadas à África romana identificam-se diretamente aos espaços extramuros das cidades existentes na região. Tal percepção evidencia-se quando se toma como documentação de análise as *Metamorphoses*, de Apuleio. Escrita em meados do século II, na obra há uma clara designação das localidades fora da ingerência das elites cidadinas como espaços abertos às ações belicosas, bárbaras e assustadoras praticadas por bandidos, feras selvagens e entidades sobrenaturais. Nesta região erma e insalubre, Lúcio, metamorfoseado em asno, vaga por um itinerário sombrio, perigoso e hostil, presenciando uma série de assaltos, raptos, assassinatos e atos mágico-fantasmagóricos, configurando uma evidente paisagem do medo.

Abstract: The topophobia associated with Roman Africa are directly identified with the outside the walls spaces of the cities existing in the region. This perception becomes evident when the work *Metamorphoses*, by Apuleio, is used as analytical documentation. Written in the middle of the 2nd century, the work has a clear designation of locations outside the interference of city elites as spaces open to bellicose, barbaric, and frightening actions carried out by bandits, wild beasts, and supernatural entities. In this desolate and unhealthy region, Lucius, metamorphosed into an ass, wanders through a dark, dangerous, and hostile itinerary, witnessing a series of assaults, abductions, murders and magical-ghostly acts, configuring a clear landscape of fear.

Palavras-chave:
África romana.
Topofobia.
Apuleio.
Metamorphoses.

Keywords:
Roman Africa.
Topophobia.
Apuleius.
Metamorphoses.

Recebido em: 24/07/2021
Aprovado em: 18/10/2021

* Professor adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), do qual é o atual coordenador. Doutor e mestre em História Social das Relações Políticas e graduado em História pela Ufes. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, seção Espírito Santo, com financiamento da Fapes (Edital Universal 2019-2021).

Introdução

Há mais de 70 anos, Marc Bloch (2001, p. 55) sentenciou em sua *Apologia da história* ou *O ofício do historiador*: “a história é o estudo dos homens no tempo”.¹ Décadas depois desta afirmativa, a disciplina vivenciou inúmeras transformações epistemológicas e várias “viragens” – linguística, cultural, política e espacial – que aprofundaram a própria “Revolução Francesa da historiografia” anunciada pelos precursores da *Escola dos Annales* (BURKE, 1997).² No atual contexto historiográfico, à premissa de Bloch podem-se acrescentar novos parâmetros, ajustando-a à relevância que a dimensão espacial ganhou nas pesquisas históricas, oferecendo originais perspectivas de trabalho e de problematização. Destarte, a sentença pronunciada por Bloch pode ser revisada com a denominação da história como o estudo dos homens no tempo e no espaço.

Na esteira do *spatial turning*,³ a História Antiga, em especial, ampliou suas perspectivas metodológicas e documentais, afastando-se de uma tradicional lógica logocêntrica, o que a posicionou na seara dos estudos atinentes à cultura material e a associou intimamente a disciplinas com agendas afins de investigação, como a Arqueologia e a Geografia. A materialidade dos homens no tempo emerge, a partir deste momento, como elemento ativo na história. Os lugares ocupados pelos indivíduos são agora percebidos como espaços onde suas ações se desenvolvem, condicionando, não raras vezes, seus movimentos e evocando simbolicamente uma gama de representações. Dentro desta perspectiva, não é mais possível entrever os eventos pretéritos sem considerar o ambiente físico onde eles aconteceram. As paisagens e os lugares construídos, imaginados e apropriados pelos homens não são mais ignorados, sendo compreendidos como uma dimensão fundamental da história (BARROS, 2017; MARTINS; SILVA, 2019, p. 97-101).

A par de tais percepções, Yi-Fu Tuan (2005; 2015_a; 2015_b) propõe pensar a relação umbilical entre determinados lugares e suas variadas representações, discutindo os diferentes laços afetivos e os diversos medos experimentados pelos seres humanos diante

¹ *Apologia da história ou O ofício do historiador*, obra clássica de Marc Bloch, foi originalmente publicada em 1949. Utilizamos, para consulta neste artigo, a edição portuguesa publicada em 2001 pela editora Jorge Zahar.

² Utilizamos a denominação consagrada por Peter Burke (1997), a de que a *Escola dos Annales* representou uma “Revolução Francesa da historiografia” nas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir dos pressupostos epistemológicos sistematizados por Marc Bloch e Lucien Febvre.

³ “Por virada espacial compreende-se o princípio segundo o qual a estrutura arquitetônica e urbanística, ou seja, os arranjos físicos dos edifícios, monumentos, percursos, nós, margens, não devem ser interpretados como uma arena inerte na qual a vida social se desenrola, mas sim como um meio através do qual as relações sociais são produzidas e reproduzidas” (MARTINS; SILVA, 2019, p. 97).

do meio ambiente que os engloba, constituindo verdadeiras topofobias e topofilias. No tocante às topofobias, elemento conceitual que norteia nossa análise neste artigo, o autor as compreende em consonância com o que ele denomina de paisagens do medo, quer dizer, lugares que suscitam temor por se apresentarem hostis, perigosos e na eminência do caos. Para Tuan (2005, p. 14-15), além disso, as inúmeras experiências topofóbicas não são “situações permanentes da mente, ligadas a segmentos imutáveis da realidade tangível; nenhum esquema atemporal pode simplesmente englobá-las. [...] Por isso é necessário [abordá-las] [...] em um marco histórico”.

Observando as representações topofóbicas historicamente, debruçamo-nos sobre as paisagens do medo associadas à África romana, verificando sua relação direta com os espaços extramuros das cidades existentes na região. Tal percepção evidencia-se quando tomamos como documentação de análise as *Metamorphoses*, de Apuleio, obra escrita em meados do século II.⁴ Na novela latina do autor,⁵ há uma clara designação das localidades fora da ingerência das elites citadinas como espaços abertos às ações belicosas, bárbaras e assustadoras praticadas por bandidos, feras selvagens e entidades sobrenaturais. É nesta região erma e insalubre que o protagonista da obra, Lúcio, metamorfoseado em asno, vaga por um itinerário sombrio, perigoso e hostil, presenciando uma série de assaltos, raptos, assassinatos e atos mágicos-fantasmagóricos, configurando uma evidente paisagem do medo, nas palavras de Tuan (2005; 2015_a; 2015_b).

A representação literária elaborada por Apuleio, em *Metamorphoses*, está em consonância com um modelo clássico presente em diversos autores greco-latinos, que tenderam, em suas obras, a caracterizar o interior do Norte da África como uma localidade bárbara e hostil. Heródoto, no século V a.C., em suas *Histórias* (IV, 145-205), foi pioneiro em delimitar uma clivagem espacial na região, separando o que ele denominava como Líbia em dois espaços diametralmente opostos: a costa, ocupada pelas cidades púnicas e gregas; e o interior além do *habitat* das bestas selvagens, perfazendo um território limítrofe às terras tórridas do deserto, habitado por indivíduos nômades, incivilizados e com traços inumanos. Essa percepção construída por Heródoto tornou-se um *locus* literário no período imperial romano, sendo reproduzida de forma uníssona pelos autores que descreveram o interior africano à época, como, por exemplo, Estrabão (*Geografia*), Pompônio Mela (*Corografia*), Plínio, o Velho (*História Natural*), Tácito (*Anais; Histórias*) e

⁴ Utilizamos, para fins deste artigo, a nomenclatura *Metamorphoses* para a obra de Apuleio, também conhecida como *O asno de ouro*. Em termos gerais, o livro, na Antiguidade, foi conhecido pelos dois títulos, sendo nomeado como *Metamorphoses* em seu mais antigo manuscrito, datado do final do século IV; e como *Asinus aureus* por Agostinho de Hipona, em *Cidade de Deus* (XVIII, 18) (DUARTE, 2019, p. 9-10).

⁵ Concebemos a novela latina como um gênero literário que agrupa em torno de um tema central diversas tramas paralelas entrecruzadas e no qual predomina o recurso ao fantástico e ao maravilhoso (SILVA, 2001).

Cláudio Ptolomeu (*Geografia*). Acreditamos que a chave para a compreensão do itinerário extramuros de Lúcio-asno esteja diretamente relacionada a esta convenção literária greco-latina, apropriada por Apuleio como um paradigma retórico que percebia a ocorrência de um gradativo aumento da barbárie e da belicosidade à medida que se afastava de um território sob controle direto das *civitates*.

Cidade e *hinterland* na África romana

Na percepção clássica greco-romana, a cidade se configurava como o centro da vida civilizada, sendo, em grande medida, o local sagrado que isolava os cidadãos dos perigos do ambiente rústico exterior. A *civitas*, entendida como o espaço cívico que congregava a prática política nas magistraturas, assembleias e cúrias, era o lugar por excelência do exercício da *humanitas*.⁶ Os inúmeros marcos monumentais urbanos – fóruns, teatros, anfiteatros, termas, templos, estátuas – se apresentavam, aos concidadãos, como elementos mnemônicos e de identificação, representando uma historicidade comum aos que compartilhavam o mesmo espaço citadino (FUNARI, 2003; MENDES, 2001). Em contraste, os lugares fora da ingerência das cidades abrigavam uma população frouxamente identificada com os valores da *urbanitas*,⁷ constituindo locais em que a presença da autoridade estatal era bastante rara ou inexistente, tornando-se verdadeiros entraves independentes no interior das fronteiras imperiais e espaços privilegiados à prática do *latrocinium*, ou seja, a ação criminosa executada por homens armados (*vires armata*), reunindo bandos (*factiones*) que possuíam a intenção premeditada de pilhar (*spoliare*) com a utilização da violência (*dolus malus*) (LIMA NETO, 2014, p. 21; SHAW, 1984; 1991).⁸

No que tange à África romana, inúmeros autores, entre eles Bustamante (2009), Cherry (2005), Raven (1993), Mahjoubi (1985) e Chausa (1994), enfatizam a existência de uma divisão tácita do território provincial, cindido em duas regiões diferenciadas: de um lado, os diversos núcleos urbanos e suas respectivas zonas rurais satélites – os *salti* e as *villae* pertencentes ao imperador e às aristocracias citadinas;⁹ de outro lado, uma vasta

⁶ “*Humanitas* [...] designa os seres humanos que são dignos do nome de homem por não serem bárbaros, nem inumanos, nem incultos. *Humanitas* significa cultura literária, virtude de humanidade e estado de civilização” (VEYNE, 1991, p. 283).

⁷ O termo *urbanitas* pode ser entendido como o ato de viver numa cidade ou como urbanidade, polidez, civilidade, vinculando-se, desse modo, à ideia de *civitas*, o conjunto dos cidadãos, o centro da vida romana, local privilegiado onde o homem poderia exercer a *urbanitas* (GLARE, 1968, p. 2015).

⁸ Tomamos de empréstimo de Brent Shaw (1991) a hipótese de que onde as forças do Estado romano eram ineficazes e débeis o poder de tipo particular se proliferava, entre eles o do banditismo. Tal fato, para o autor, explicaria a presença endêmica dos bandos de salteadores no *hinterland* imperial.

⁹ “A *villa* significava, antes de tudo, uma organização específica do espaço rural, baseada na propriedade privada da

região periférica habitada por diversas tribos líbias, *grosso modo* caracterizadas como seminômades.¹⁰ Esta população, muitas vezes à margem do poder romano, constituía uma miríade de povos, identificados por Pompônio Mela (*Corografia*, I, 4, 22-24), em meados do século I, da seguinte forma:

O [interior] é ocupado pelos númidas e mauros, mas os mauros estão também voltados para o Atlântico. Além, estão os nigrítas e os farusianos até os etíopes. [...] Por outro lado, abaixo das terras banhadas pelo mar Líbico se encontram os líbios egípcios, os leucoetíopes e o povo numeroso e diverso dos gétulos. Em seguida, se estende, numa única extensão uma vasta região desértica inabitável. Depois, os primeiros povos, que se encontram, são, dizem-nos, no Oriente, os garamantes, após os augiles e os trogloditas, e por último, os atlantes.

Essa grande variedade étnica presente no *hinterland* norte-africano fora associada pelos autores greco-latinos do período imperial romano à barbárie, constituindo grupos errantes identificados como bandidos e incivilizados, falantes do púnico e/ou das diversas línguas líbias existentes, características que os relacionavam diretamente a um arquétipo de alteridade frente à aristocracia cidadina local (BUSTAMANTE, 2000, p. 312; LIMA NETO, 2014). Recorrendo mais uma vez a Pompônio Mela (*Cor.*, I, 7), observamos como tais povos eram definidos à época:

[...] no interior não têm cidades, [...] sua maneira de viver é violenta e imunda. Os chefes da nação se cobrem de sarjas de lã, e o resto do povo de peles de bestas fulvas ou daqueles seus trapos; eles não têm outra cama nem outra mesa que a terra; [...] eles comem somente carne, e o mais frequentemente de animais ferozes: pois, tanto quanto podem, eles não tocam em seus rebanhos, que são sua única riqueza. Além disso, são homens ainda mais grosseiros, que seguem ao acaso seus rebanhos nas pastagens.

Plínio, o Velho (*Naturalis historia*, V, 45-46), corroborando a percepção de seu contemporâneo, Pompônio Mela, identificava os grupos étnicos que ocupavam o interior norte-africano como bestas selvagens desprovidas de humanidade:

A tribo dos atlantes é primitiva e sub-humana. [...] Eles não chamam uns aos outros por nomes. Quando observam o Sol [...], proferem maldições terríveis, acusando-

terra [...] com o objetivo de desenvolver o fornecimento de produtos específicos – vinho e azeite –, voltados para o mercado” (JOLY, 2006, p. 69). No tocante aos *salti*, caracterizavam-se como propriedades agrícolas imperiais exploradas por *conductores* e sublocadas a *coloni* diretamente relacionados à atividade produtiva (OLIVEIRA, 2020, p. 79-116).

¹⁰ Como observa Oliveira (2020, p. 33-54), tradicionalmente a historiografia simplificou o modo de vida praticado pelos grupos líbios no interior da África romana como seminômade, potencializando uma oposição entre sedentários e nômades, agricultura e pastoreio. Essa simplificação é atualmente colocada em xeque pelas mais recentes escavações arqueológicas realizadas nos sítios saarianos, que demonstram uma complementaridade entre a agricultura intensiva, o pastoreio errante e o comércio transaariano, correspondendo a um sistema misto e complexo de diferentes estratégias econômicas coexistentes e levadas a cabo pelas tribos líbias que ocupavam a região.

lhe de ser a causa de seu desastre e de suas terras improdutivas. Nenhum deles sonha, como o restante da humanidade. Os trogloditas escavam cavernas que são suas casas, sua comida é carne de cobra. Eles não têm voz, e fazem um barulho estridente, inviabilizando qualquer tipo de comunicação [...]. Os garamantes não se casam, vivendo em promiscuidade com suas mulheres. Os ganfasantes não usam roupas, não lutam e não se associam a nenhum estrangeiro. Os blêmios são relatados como sendo sem cabeça; sua boca e os olhos estão ligados ao seu peito. Os sátiros não têm características humanas, exceto a sua forma; são comumente descritos na forma do deus Pan [homens-cabra]”.

No início do século II, Tácito, ao descrever a revolta de Tacfarinas (14-27), reproduzia estereótipos similares em relação aos habitantes do *hinterland* africano.¹¹ Na obra *Anais* (II, 52; III, 74; IV, 23; IV, 25), o autor estigmatizava os grupos líbios insurgentes à ordem romana – musulânios, mauros, ciníticos e garamantes – como “vagabundos”, “salteadores”, “ladrões”, “bárbaros”, “gente pobre e de maus costumes”, “sem costume de viver em cidades” e que espalhavam o “terror com assaltos e incêndios” (BUSTAMANTE, 2011, p. 16). A representação pejorativa construída por Tácito acerca daqueles que viviam no interior do continente viria novamente à tona em suas *Histórias* (IV, 50), quando o autor narrou a intervenção dos garamantes no episódio de conflito fronteiriço que opôs as cidades de Lepcis e Oea, no ano de 69:

[...] o povo de Oea, inferior em número, havia chamado em seu auxílio os garamantes, gente indômita e dada ao saque de seus vizinhos. Daí, o povo de Lepcis se encontrara em grandes apuros e, com suas terras arrasadas em grande extensão, estivera amedrontada em suas muralhas, até que intervieram as coortes [do exército romano], que derrotaram os garamantes e recuperaram todo o botim, exceto o que os nômades haviam vendido aos povos do interior.

A invasão dos garamantes em Lepcis também foi rememorada, segundo Aurigemma (1960, p. 54, *plate* 137; 151; 154; 156), em uma fonte musiva de finais do século II, descoberta numa *villa* localizada em Zliten e pertencente a membros da elite da cidade.¹² O *Mosaico dos Gladiadores*, como ficou conhecido o conjunto musivo, ornamentava o pavimento de um dos aposentos da sede principal da propriedade rural, apresentando, em suas bordas, a representação iconográfica de cenas de lutas de gladiadores (*ludi gladiatorii*), caçadas de animais selvagens (*venationes*) e exposição às

¹¹ Um dos mais conhecidos episódios de contestação à ordem romana no norte da África foi a revolta liderada por Tacfarinas entre os anos de 14 e 27. No início do século II, Tácito, em seus *Anais* (II, 52; III, 74; IV, 23-26), descreve o conflito numa perspectiva que reforçava a alteridade da coalizão de povos líbios sob a liderança de Tacfarinas (BUSTAMANTE, 2011, p. 16).

¹² Próximo às cidades na Tripolitânia, havia vários oásis, propícios à instalação de ricas e luxuosas *villae*. Esses locais correspondiam às residências rurais das mais abastadas famílias locais, como evidencia o relato de Apuleio, em *Apologia* (53, 8-11; 56, 3-6; 67, 4-6; 78, 5; 87, 9-10 ss), acerca das *villae* da aristocracia municipal da cidade de Oea. Para uma leitura mais pormenorizada, ver Mattingly (1994, p. 141).

feras de indivíduos condenados pela justiça imperial (*damnatio ad bestias*) (DUNBABIN, 2012, p. 120-121).¹³ Nas representações de execução pública, os condenados à *damnatio ad bestias* são identificados como pertencentes à tribo dos garamantes e supliciados em três cenas sucessivas (apresentadas nas Figuras 1, 2 e 3): na primeira, um indivíduo acorrentado numa espécie de carro é conduzido por dois homens e exposto ao ataque de um leopardo; na segunda imagem, um homem recebe chicotadas e é levado ao encontro de um leão; na terceira cena, observa-se uma pessoa obrigada a dividir a arena do anfiteatro com um urso e um cervo, que lutam entre si.¹⁴ O *Mosaico dos Gladiadores* sugere-nos a reprodução, em termos iconográficos, de um *locus* que conferia aos grupos líbios adjacentes o caráter de potenciais ameaças à ordem pública, habitantes de uma região extramuros belicosa, bárbara e hostil, de um local topofóbico na percepção da aristocracia cidadina.

Figura 1 - Mosaico dos Gladiadores - *Damnatio ad bestias*



Fonte: Imagem em Domínio público. Disponível em: <https://commons.m.wikimedia.org>.

¹³ O suplício com a *damnatio ad bestias* encontrava-se ligado à pena capital (*summa supplicia*), geralmente reservada aos *humiliores*. No decorrer do período imperial, a ligação entre a execução das penas de *damnatio ad bestias* e a realização dos espetáculos no anfiteatro se consolidou, passando a ser praticada na arena entre as caçadas de animais selvagens (*venationes*), pela manhã, e os combates de gladiadores (*ludi gladiatorii*), à tarde (Tertuliano, *De spectaculis*, XVII). Os condenados eram geralmente desertores do exército, prisioneiros de guerra e criminosos, sendo que, na África, estendia-se também àqueles que poderiam colocar a ordem romana em xeque, tais como os membros de tribos autóctones locais, responsáveis, em diversas ocasiões, por razias às cidades e sublevações (BUSTAMANTE, 2009, p. 112-113).

¹⁴ A representação musiva da condenação às feras selvagens no anfiteatro de membros das tribos seminômades norte-africanas não era incomum, podendo-se também ser observado em outro mosaico, só que localizado na antiga cidade de *Thysdrus*, atual Tunísia. Tal mosaico foi analisado por Bustamante (2009).

Figura 2 - Mosaico dos Gladiadores - *Damnatio ad bestias*



Fonte: Imagem em Domínio público. Disponível em: <https://commons.m.wikimedia.org>.

Figura 3 - Mosaico dos Gladiadores - *Damnatio ad bestias*



Fonte: Imagem em Domínio público. Disponível em: <https://commons.m.wikimedia.org>.

Vê-se, portanto, que a representação dos povos líbios nas fontes literárias e musivas antigas se coaduna com a de grupos selvagens e errantes, com um modo de vida pastoril e especializado na prática de saques e banditismo às cidades e fazendas. Essa visão estigmatizada foi, nas últimas décadas, contestada pela emergência de uma série de dados arqueológicos que, hoje, nos auxiliam na compreensão mais precisa acerca dos grupos étnicos que habitavam o interior norte-africano.¹⁵ Nesse sentido, o exemplo da sociedade urbana e agropastoril organizada pelos garamantes no Fezã é bastante eloquente,¹⁶ uma vez que os dados da cultura material indicam a constituição de um Estado politicamente centralizado e enriquecido com as trocas comerciais realizadas na carreira do tráfico transaariano.¹⁷ Em alguma medida, os garamantes fortaleceram o seu poder no Saara central explorando a localização estratégica do Fezã no cruzamento de rotas que conduziam a regiões diversas, como o Lago Chade, a Bacia do Níger, o Vale do Nilo e o Mar Mediterrâneo (MATTINGLY, 2003, p. 5). O movimento comercial através do território garamante intensificou-se de forma vertiginosa com a integração completa do mediterrâneo sob a autoridade romana, reforçando o tráfico transaariano com a inclusão de novas áreas de conectividade para além do deserto do Saara. Como demonstram os dados arqueológicos trazidos à luz pelo *Fazzan Project* e pela Missão Ítalo-Líbia no Fezã, há uma grande sincronicidade entre o desenvolvimento econômico das comunidades costeiras no Mediterrâneo norte-africano e a dos oásis ocupados pelos garamantes no Saara. Entre os séculos I e III as elites cidadinas de Cartago, Oea, Sabrata, Lepcis, entre outras cidades, aproveitaram-se de uma prosperidade nunca antes experimentada, enriquecendo-se com a venda de produtos agrícolas explorados em suas propriedades fundiárias, especialmente azeite, vinho e cereais (HOBSON, 2012). Nessa mesma época, a conectividade do Mediterrâneo com o território sob a autoridade garamante se intensificou significativamente, fato demonstrado pela descoberta de cerâmica *sigillata*,

¹⁵ As investigações anglo-líbias do *Fazzan Project*, levadas a cabo entre os anos de 1997 e 2001 e publicadas nos quatro volumes de *The Archaeology of Fazzan* (2003; 2007; 2010; 2013), lançaram nova luz sobre o antigo Estado Garamante nos confins do deserto do Saara. Outra importante contribuição histórico-arqueológica foi a Missão Ítalo-Líbia no Wadi Tanzuft e na cidadela fronteiriça de Aghram Nadharif, organizada por pesquisadores associados à Università La Sapienza de Roma, com destaque para Liverani (2003; 2006) e Mori (2010; 2013).

¹⁶ O Fezã localiza-se nas franjas setentrionais do Deserto do Saara, ao sul da Tripolitânia, na atual Líbia, numa região de clima desértico, com precipitação diminuta e não superior a 12 mm anuais, alcançando, no verão, temperaturas próximas a 50° C. O território controlado pelos garamantes era constituído por três cadeias de oásis encrustados em declives montanhosos e abastecidos por aquíferos subterrâneos: o Wadi ash-Shati, o Wadi al-Ajal e o Wadi al-Nashwa (LIMA NETO, 2020, p. 9).

¹⁷ Indo de encontro às concepções de Brett (2016, p. 271), Desange (1999) e Ennabli (2004, p. 23-24), que consideram as rotas que conectavam a África Subsaariana, o Egito e o Mar Mediterrâneo um apanágio da época islâmica, Liverani (2000; 2006, p. 458-459) e Mattingly (2017, p. 1-4) afirmam que desde o século VI a.C. a travessia do Saara era realizada por grupos líbios especializados no comércio – a exemplo dos próprios garamantes –, o que pode ser demonstrado pelos comentários de Heródoto (*Historiae*, IV, 183-185) acerca das jornadas regulares que ligavam o oásis de Siwa – no Egito – à Bacia do rio Níger.

lamparinas, vasos de vidro, joias e ânforas para o transporte de volumosas remessas de vinho, azeite e *garum*. Esse período foi de grande expansão dos sítios urbanos no Fezã, alcançando cifras populacionais estimadas entre 50 e 100 mil habitantes (LIVERANI, 2003, p. 27-28; MATTINGLY, 2003, p. 348-349). O desenvolvimento urbano de Garama, capital dos garamantes, com a construção de edifícios monumentais, talvez seja a marca material ainda visível desse processo, que, inegavelmente, serviu também para o próprio fortalecimento do poder político de uma chefia denominada pelas fontes greco-latinas como “rei” (Plín., *Nat. Hist.*, V, 35; Ptolomeu, *Geographia*, I, VIII; IV, VI, 12).

Torna-se evidente, a partir da documentação arqueológica, a relevância dos oásis localizados no Fezã como locais de conectividade transaariana, interrelacionando o Saara e a África Subsaariana ao Mediterrâneo e às cidades costeiras norte-africanas. Daí sua posição estratégica como ponto nodal de integração entre regiões distantes, mas de alguma forma conectadas pela ação política e econômica dos garamantes. O expansionismo romano em sua periferia saariana,¹⁸ ao invés de produzir um Estado satélite e dependente, representou a emergência de um poder político autônomo e com agência histórica independente. Os garamantes, entre os séculos I e III, estenderam sua autoridade a um amplo território, controlaram, segundo seus próprios termos, a intermediação comercial e responderam às pressões romanas na região, fortalecendo-se política e economicamente com as trocas transaarianas. Em suma, as recentes escavações arqueológicas realizadas no deserto do Saara, ao jogarem luz sobre a atuação de grupos vistos antes como marginais à ordem romana, demonstram-nos modos originais de compreender as periferias do Império, sublinhando a importância das investigações que levem em consideração as diversas etnias líbias na Antiguidade.

¹⁸ Os primeiros contatos dos garamantes com Roma se iniciaram, ao que tudo indica, no século I a.C. e foram marcados por uma série de conflitos militares. De acordo com os relatos de Plínio, o Velho (*Nat. Hist.*, V, 35-38), a expedição liderada por *Cornelius Balbus*, em 20 a.C., saiu da cidade de Sabrata, na costa, e alcançou os garamantes no Fezã, subjogando Garama (*clarissimum oppidum Garama*). As campanhas do general romano foram comemoradas na *Urbs* com a celebração do *triumphus*, fato que denota a importância da vitória militar sobre os garamantes. O historiador latino Aneu Floro, em seu *Compêndio da História romana* (2, 31), nos informa acerca das campanhas de *Sulpicius Quirinius*, ocorridas no ano de 15 a.C., contra os marmáridas e os garamantes nos confins do deserto. Outro episódio bélico é mencionado por Tácito (*Ann.*, II, 52; III, 74; IV, 23-26), quando o autor inclui os garamantes entre as etnias líbias que compunham a revolta de Tacfarinas (14-27), descrevendo-os como bandidos errantes que pilhavam e traficavam bens roubados pelo interior da África. Os conflitos recorrentes dos habitantes do Fezã com a costa mediterrânea são indicados novamente nas *Histórias* (IV, 50), de Tácito, no episódio do auxílio militar oferecido pelos garamantes à cidade de Oea em suas querelas fronteiriças com Lepcis, em 69. Tal acontecimento desencadeou uma expedição punitiva ao Fezã liderada por *Valerius Festus*, em 70. As relações dos garamantes com o Império Romano começam a arrefecer em fins do século I, como testemunham as expedições levadas a cabo por *Septimius Flacus* (89) e por *Julius Maternus* (98). Segundo Cláudio Ptolomeu (*Geog.*, I, VIII), a segunda das campanhas militares foi, inclusive, acompanhada pelo rei dos garamantes, que foi auxiliado pelo exército romano em conflitos ao sul do Fezã, em Agisymba. Ao que tudo indica, a atuação de *Flacus* e *Maternus* serviu como um marco diplomático para a celebração da paz entre Roma e Garama.

Topofobias nas *Metamorphoses* de Apuleio

Apesar das recentes escavações levadas a cabo no Fezã e alhures indicarem que a dualidade espacial cidade/*hinterland* na África romana deva ser relativizada, sendo uma percepção, não raras vezes, influenciada por um *locus* literário antigo que tendia a reproduzir uma clivagem entre uma costa mediterrânica políade e um interior bárbaro e hostil, é inegável a representação topofóbica relacionada ao espaço extramuros às cidades presente nas *Metamorphoses*. Assim como evidenciado nos documentos literários e musivos acima analisados, percebemos a apropriação de uma perspectiva estigmatizante no tocante aos indivíduos que habitavam o interior norte-africano na novela latina de Apuleio. Membro da elite cidadina de Madaura, colônia romana localizada na Numídia,¹⁹ e educado nos moldes da *paideia* greco-romana,²⁰ Apuleio, com grande probabilidade, reproduzia uma percepção comum aos autores greco-latinos de sua época, compreendendo os povos líbios que margeavam o território das *civitates* como a representação arquetípica da alteridade.²¹

Escrita na fase final da vida de Apuleio, provavelmente no ano de 180, quando o autor gozava as benesses de uma bem-sucedida carreira de filósofo e orador público em Cartago, *Metamorphoses* é uma obra *sui generis*, pois, apesar de sua narrativa aparentemente apresentar um cenário grego, mais especificamente relacionado à Tessália, alguns elementos presentes no livro nos indicam a representação de uma realidade tipicamente norte-africana, vivenciada por seu autor no momento de sua redação.²² Em alguma medida, o uso da Grécia como local de encenação da narrativa de Apuleio se mostra uma necessidade posta pela própria característica da obra, uma adaptação latina de um livro anteriormente redigido em grego. Segundo Wash (1995), Guimarães (2019) e Hanson (1989), as *Metamorphoses* são inspiradas em um original grego, *Lúcio ou o*

¹⁹ "As colônias romanas eram normalmente de dois tipos: havia as fundações novas, cidades formadas tendo como modelo Roma, muitas vezes constituídas por uma população de imigrantes e/ou soldados veteranos oriundos da Península Itálica; havia também as cidades já existentes antes do domínio romano, às quais era concedido o *status* de colônia após galgarem as etapas necessárias na hierarquia imperial. Os habitantes de tais colônias recebiam a cidadania romana plena e sua administração reproduzia as bases da organização institucional de Roma, com um conselho local (*curia*), dois magistrados superiores colegiados (*duumviri*) e os correspondentes colégios sacerdotais (pontífices e flâmines)" (LIMA NETO, 2020, p. 182).

²⁰ Utilizamos o termo *paideia* no sentido de uma "formação educacional fundada nos princípios da cultura clássica que tinha por finalidade inculcar no homem o autocontrole, o *decorum* e o gosto pelo belo" (SILVA, 2010, p. 8).

²¹ Independentemente da retórica observada em *Metamorphoses*, a alteridade da elite cidadina norte-africana frente aos grupos étnicos habitantes das regiões extramuros deve ser relativizada, levando-se em conta a existência de uma realidade complexa de contatos culturais diversos. Tal necessidade fica patente na própria afirmação de Apuleio, em *Apologia* (24, 1-10), quando o autor, proveniente de uma próspera colônia romana na Numídia, se autodenomina seminúmida e semigétulo, designação que corrobora a ideia acima discutida acerca das conexões dos grupos líbios locais com as *civitates* romanas.

²² Para uma análise pormenorizada sobre a biografia de Apuleio, ver Lima Neto (2018).

asno, cuja autoria remonta a Luciano de Samósota, que, por sua vez, acredita-se ser uma condensação de outra obra helênica, pertencente a Lúcio de Patras. A filiação africana das *Metamorphoses* (XI, 27) pode ser observada mais claramente quando Apuleio delimita a origem do protagonista da novela, denominando-o como madaurense, fato que evidencia um viés autobiográfico. Outro indicativo que não pode passar despercebido é a representação dos ambientes externos às cidades nos moldes de um *locus* literário afim às narrativas de vários autores greco-latinos sobre a África romana, que comumente reproduziam uma dualidade espacial que colocava em contradição um ambiente urbano e um interior, fora da ingerência das elites citadinas, bárbaro e belicoso.

Esta ampla região exterior ao território das *civitates* caracterizava-se, na percepção de Apuleio, como uma típica paisagem do medo, uma topofobia que se expressava em diversas passagens das *Metamorphoses*. Na obra, o protagonista Lúcio é metamorfoseado em asno e levado por salteadores, perambulando, a partir de então, por um itinerário sombrio e hostil, infestado por bandidos sanguinários, escravos fugitivos, bestas selvagens e terríveis seres fantasmagóricos. As viagens atravessando as estradas que cruzavam o interior são descritas por Apuleio como invariavelmente perigosas, estando os indivíduos que se aventuravam a enfrentá-las à mercê dos desígnios da Fortuna. Logo no primeiro livro da obra, Apuleio narra as desventuras de um viajante que é surpreendido “num desfiladeiro afastado e profundo, [por] terríveis bandoleiros” (Apuleio, *Metamorphoses*, I, 7). Em excerto posterior, o autor volta a indicar os perigos que rondavam os itinerários dos que se arriscavam fora das cidades: “Que pensas? Não sabes que os caminhos estão infestados de bandoleiros, para te meteres na estrada a esta hora da noite?” (Apul., *Met.*, I, 15). Até mesmo os soldados do exército romano, trafegando pelas estradas imperiais, se precavam contra possíveis sobressaltos do destino, como fica patente na seguinte passagem: “Equipado e armado militarmente, eu levava um capacete de brilho fulgurante, um escudo que faiscava de longe, sem falar de uma lança, notável pelo comprimento, [...] para amedrontar os desgraçados viandantes” (Apul., *Met.*, X, 1).

Errando por uma região rústica, Lúcio-asno presenciou a ação criminosa de uma turba de bandidos, que pilhava cidades e viajantes, assassinava os que cruzavam o seu caminho e sequestrava jovens donzelas para as revender como escravas e prostitutas. Em inúmeras passagens de *Metamorphoses*, os *latrones* são identificados como bestas sanguinárias, como “lápidas, metade animais, e centauros, metade homens”, confabulando entre si inúmeros modos de assassinar os que lhes afrontavam: “um queria que a jovem fosse queimada viva, um segundo aconselhava que a entregassem às feras, um terceiro propunha crucificá-la, mas todos [...] eram pela pena de morte” (Apul., *Met.*, VI, 31). O

próprio *habitat* dos bandidos que ocupavam o *hinterland* estava diretamente associado a um covil de animais selvagens, como transparece na descrição feita por Lúcio-asno:

O assunto e as circunstâncias exigem que eu coloque aqui uma descrição dos lugares e da caverna habitada pelos bandoleiros. Darei assim uma prova do meu talento, e vos darei medida para julgardes exatamente se eu era asno também pelo espírito e pela inteligência. Imaginai uma montanha selvagem, de uma altitude extraordinária, coberta de sombra por uma espessa floresta. Ao longo dos seus flancos inclinados, centenas de penhas agudas, portanto inacessíveis, largos buracos nas ravinas, eriçadas de moitas de espinho e isoladas por todos os lados cercavam-na como uma defesa natural (Apul., *Met.*, IV, 6).

A morada rudimentar dos *latrones* pode ser contrastada com a de ricas personagens citadinas descritas por Apuleio, como, por exemplo, a *domus* da matrona Birrena, com um “átrio belíssimo. Em cada um dos quatro ângulos se elevava uma coluna, que sustentava uma estátua da Vitória. [...] Um bloco de mármore de Paros, figurando uma Diana, ocupava o meio da sala” (Apul., *Met.*, II, 4). Nesta residência, ofereciam-se banquetes opulentos com “opíparas mesas onde esplendiam o cedro e o marfim, leitos recobertos de estofos tecidos em ouro, cálices de grandes dimensões, variados em sua beleza, mas igualmente preciosos” (Apul., *Met.*, II, 19). O ambiente das cidades, além de ser consagrado ao luxo, era também o espaço por excelência do ócio nos banhos, festas cívicas e *ludi*, sendo um território destinado à liberdade, à paz e aos prazeres dos concidadãos (*Met.*, II, 20). Não à toa, em *Metamorphoses* (VIII, 23), as *civitates* se apresentavam como um porto seguro para viajantes que percorriam os caminhos do interior e que chegavam “fatigados a uma cidade populosa e ilustre, [...] seduzidos pela abundância dos víveres e a facilidade de aprovisionar”. Destarte, potencializava-se a alteridade de um espaço urbano civilizado e mantido pela ordem pública frente a um *hinterland* bárbaro e habitado por salteadores e bestas selvagens.

No ambiente externo às cidades, o cenário representado por Apuleio era desolador, uma vez que “ao longo do caminho [...] jaziam corpos humanos, meio comidos, e viam-se por toda parte, despojados de suas carnes, ossos esbranquiçados” (Apul., *Met.*, VIII, 15). Os viajantes deveriam evitar emboscadas de todo tipo, sejam as praticadas por bandidos, sejam por feras terríveis, agrupando-se em fileiras cerradas similares aos soldados numa guerra, como evidenciado no episódio da peregrinação de escravos fugitivos narrado em *Metamorphoses* (VIII, 16):

Os pastores que nos levavam tinham-se armado como que para um combate. Um levava dardo, outro lança, outro arco com flechas, outro bastão. Alguns tinham pedras, que a trilha fornecia em abundância, ou brandiam pedaços de pau de agudas pontas. A maior parte, no entanto, munira-se de tochas acesas, para

manter as feras à distância. Não faltava verdadeiramente senão uma trombeta, para figurarmos uma tropa em formação de batalha.

Esse território hostil era infestado por bestas selvagens, que subitamente poderiam atacar os que cruzavam o seu caminho. Ursos monstruosos, lobos ferinos e animais peçonhentos ocupavam o interior, acrescentando pavor aos transeuntes. A prudência dos que conheciam as estradas aconselhava evitá-las “à noite ou mesmo pela manhã, porque [...] bandos de lobos enormes, corpulentos, ferozes, cruéis e acostumados à rapina, infestavam toda a região, [...] e as pessoas se viam agora ameaçadas de morte, como um rebanho indefeso” (Apul., *Met.*, VIII, 15). Em geral, os que se arriscavam pelo *hinterland* colocavam-se à mercê de uma iminente fatalidade, como a que acometeu o jovem escravo vítima de um sanguinário urso selvagem, que lhe deixou o corpo em “frangalhos, e os membros em pedaços, esparsos pelo chão” (Apul., *Met.*, VII, 26).

Acrescenta-se, aos bandidos e animais ferozes, a constante ocorrência, nas regiões ermas do interior, de episódios sobrenaturais protagonizados por almas penadas: “onde ides com o passo tão rápido, noturnos viajantes? Então não tendes medo, nesta hora tardia, dos Manes e das Larvas?” (Apul., *Met.*, VI, 30). Nesta passagem, em especial, Apuleio refere-se aos *daimones* compreendidos como espíritos desencarnados e malignos, correspondentes àqueles que, devido às condições adversas de sua morte, foram condenados a uma existência errante e infeliz.²³ Em outro excerto, o autor novamente identifica o espaço exterior às cidades como um lugar por excelência de atos mágico-fantasmagóricos, como no caso do ancião que se transforma em um terrível monstro para atacar um grupo de escravos fugitivos:

[...] inquietos por sua demorada ausência, enviaram um dos seus à sua procura, para advertir o companheiro de que já era tempo de partir, e para levá-lo. Mas o emissário dali a pouco voltou: pálido como o buxo, e trêmulo, trazia acerca do outro extraordinárias notícias. Tinha-o vislumbrado deitado de costas, meio devorado e, agachado sobre ele, um dragão que o mordia. Quanto ao desgraçado ancião, não o vira em parte alguma: desaparecera. Aproximando-se, então, aqueles que tinham acabado de ouvir as palavras do pastor, cujas sinistras advertências não designariam outra coisa senão o cruel habitante dessas regiões, deixaram o amaldiçoado lugar, apertando o passo para fugir e fazendo-nos avançar com o estímulo de grandes pauladas (Apul., *Met.*, VIII, 21).

²³ Os *daimones* ocupavam um lugar fundamental na cosmologia apuleiana. Sem eles qualquer contato com as divindades etéreas seria impossível, haja vista que toda classe de prodígios e ações miraculosas era produzida por sua intermediação. Apuleio, na obra *De deo Socratis*, estabeleceu as bases de sua percepção daimonológica (LIMA NETO, 2016, p. 194-195).

Evidencia-se, na narrativa das *Metamorphoses*, a representação de um *hinterland* ermo e compreendido como uma região obscura, perigosa e habitada por *latrones* sanguinários, espíritos malfazejos e feras selvagens. A descrição apuleiana do território extramuros ressaltava, além disso, sua associação direta com a prática do nomadismo. Os *latrones*, habitantes por excelência deste território belicoso e bárbaro, eram preferencialmente descritos em constante movimento e vagando por um interior inóspito no intuito de assaltarem e pilharem cidades, fazendas e viajantes nas estradas. Nesse ponto, não deve passar despercebido um excerto das *Metamorphoses* (IV, 6), em que o autor de nossa documentação relaciona o *habitat* dos bandidos a um modo de vida pastoril: “eleva-se uma alta torre sobre a caverna, com um forte aprisco de sólidas grades, aposento cômodo das ovelhas”. Podemos, em grande medida, associar os grupos errantes, armados e belicosos representados como *latrones* nas *Metamorphoses* às tribos líbias que ocupavam o interior norte-africano. Tal conjectura nos é permitida pela própria insistente identificação de tais grupos, entre os autores de época imperial romana, a bandos de salteadores, como verificado, por exemplo, em Tácito (*Ann.*, II, 52; III, 74; IV, 23; IV, 25; *Hist.*, IV, 50), quando o autor descreve a revolta de Tacfarinas (14-27) e o episódio da invasão garamante à cidade de Lepcis (69).

Em consonância com Hartog (1999), compreendemos que a própria representação do *hinterland* norte-africano como um local ocupado por nômades é em si mesma um signo fortemente estigmatizador. De acordo com o autor, Heródoto iniciou, na Antiguidade, uma bem-sucedida associação entre o nomadismo e a barbárie, sendo o nômade a antítese do grego, pois não vivia em cidades, não cultivava a terra e muito menos as letras e as artes. Na esteira deste *locus* herodotiano, o nomadismo se tornou um tema bastante recorrente na literatura antiga, tendo, quase sempre, uma representação contrária aos valores da civilização greco-romana. Podemos postular, mediante isto, que Apuleio, ao associar o *hinterland* norte-africano ao nomadismo, foi, com grande probabilidade, influenciado por uma tradição literária observável em autores como Estrabão (*Geografia*), Pompônio Mela (*Corografia*), Plínio, o Velho (*História Natural*), Tácito (*Anais; Histórias*) e Cláudio Ptolomeu (*Geografia*), que unissonamente representaram a África romana por intermédio de uma dicotomia espacial específica: de um lado, o mundo citadino sedentário e civilizado; de outro, um interior belicoso, bárbaro e, de preferência, ocupado por tribos líbias seminômades. Diferentemente das *civitates*, que são caracterizadas como locais de segurança, abundância e riqueza, o *hinterland* norte-africano é descrito em *Metamorphoses* como uma região erma, selvagem e hostil, quer dizer, um lugar caracterizado como topofóbico, denotando uma típica paisagem do medo na África romana.

Referências

Documentação textual

- APULÉE. *Opuscules philosophiques et fragments*. Traduit par Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1973.
- APULÉE. *Apologie et Florides*. Traduit par Paul Vallette. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- APULEIO. *O asno de ouro*. Tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.
- APULEIUS. *Metamorphoses: books I-VI*. Translated and introduction by J. Arthur Hanson. London: Harvard University Press, 1989.
- APULEIUS. *Metamorphoses: books VII-XI*. Translated by J. Arthur Hanson. London: Harvard University Press, 1989.
- CLAUDIUS PTOLEMY. *Geography*. Translated by Joseph Fischer. New York: Cosimo Classics, 2011.
- ESTRABÓN. *Geografía: libros XV-XVII*. Traducción de Juan Luis García Alonso, Maria Paz de Hoz García-Bellido y Sofía Torallas Tovar. Madrid: Gredos, 2015.
- FLORO. *Epítome de la historia de Tito Livio*. Traducción de Gregorio Hinojo Andres e Isabel Moreno Ferrero. Madrid: Gredos, 2000.
- HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de Maria de Fátima Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Lisboa: Edições 70, 2001.
- PLINY THE ELDER. *Natural history*. Translated by John F. Healy. New York: Penguin, 2004.
- POMPONIUS MELA. *Description of the world*. Translated by E. F. Romer. Michigan: The University of Michigan Press, 2001.
- SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2019. p. II.
- TÁCITO. *Anales: libros I-VI*. Traducción de José L. Moralejo. Madrid: Gredos, 2015.
- TÁCITO. *Historias: libros III-V*. Traducción de Antonio Ramírez de Verger. Madrid: Gredos, 2013.
- TERTULIANO. *Os espetáculos*. Tradução e notas de Fernando Melro e João Maia. Lisboa: Verbo, 1974.

Documentação arqueológica

- AURIGEMMA, S. *Italy in Africa: archaeological discoveries (1911-1943)*. Roma: Istituto poligrafico dello Stato, 1960. v. I

- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan: Synthesis*. London: Society for Libyan Studies, 2003. v. 1.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan: Site Gazetteer, pottery and other survey finds*. London: Society for Libyan Studies, 2007. v. 2.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan: Excavations of C. M. Daniels*. London: Society for Libyan Studies, 2010. v. 3.
- MATTINGLY, D. *The Archaeology of Fazzan: Survey and excavations at Old Jarma*. London: Society for Libyan Studies, 2013. v. 4.

Obras de apoio

- BARROS, J. A. *História, espaço, geografia: diálogos interdisciplinares*. Petrópolis: Vezes, 2017.
- BLOCH, M. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRETT, M. Libya and the Sahara in the History of Africa. In: MATTINGLY, D. et al. *The Libyan desert*. London: Society for Libyan Studies, 2016, p. 271-285.
- BURKE, P. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BUSTAMANTE, R. M. C. 'Bellum Iustum' em diferentes perspectivas. In: PEDROSA, F. V. G.; SILVA, M. F. A. CODEÇO, V. F. de S. (org.). *Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval*. Rio de Janeiro: CEPHIMEX, 2011, p. 11-29.
- BUSTAMANTE, R. M. C. Exclusão na arena: 'damnatio ad bestias'. *Dimensões*, n. 22, p. 104-122, 2009.
- BUSTAMANTE, R. M. C. Latim, púnico e berbere na África do Norte: identidade e alteridade. *Phoênix*, n. 6, p. 312-327, 2000.
- CHAUSA, A. Modelos de reservas de indígenas en el África romana. *Gerión*, n. 2, p. 95-101, 1994.
- CHERRY, D. *Frontier and society in Roman North Africa*. New York: Oxford University Press, 2005.
- DESANGE, J. *Toujours Afrique apporte fait nouveau scripta minora*. Paris: Boccard, 1999.
- DUARTE, A. S. Apresentação. In: APULEIO. *O asno de ouro*. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 7-22.
- DUNBABIN, K. M. D. *Mosaics of the Greek and Roman world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

- ENNABLI, A. Entre Afrique du Nord antique et Afrique Sub-Saharienne: un obstacle infranchissable. In: BAZZANA, A.; BOCOUM, H. (ed.). *Du nord au sud du Sahara*. Paris: Sepia, 2004, p. 23-24.
- FUNARI, P. P. *A vida quotidiana na Roma antiga*. São Paulo: Annablume, 2003.
- GLARE, P. G. W. Urbanitas. In: _____. *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968, p. 2105.
- GUIMARÃES, R. O homem de Madaura. In: APULEIO. *O asno de ouro*. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 23-33.
- HANSON, J. A. Introduction. In: APULEIUS. *Metamorphoses: books I-VI*. London: Loeb Classical Library, 1989, p. ix-xiv.
- HOBSON, M. S. *The Africa boom: evaluating economic growth in Roman province of Africa Proconsularis*. Leicester: University of Leicester, 2012.
- JOLY, F. D. Terra e trabalho na Itália no Alto Império. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 65-84.
- LIMA NETO, B. M. A construção do espaço como estratégia política: a romanização da paisagem urbana de Lepcis Magna (sécs. I a.C.-II d.C.). In: LIMA NETO, B. M.; SILVA, E. C. M.; SILVA, G. V. (org.). *Forma e imagens da cidade antiga*. Vitória: Milfontes, 2020, p. 173-200.
- LIMA NETO, B. M. *Bandidos e elites cidadinas na África romana*. Vitória: Edufes, 2014.
- LIMA NETO, B. M. *Entre a filosofia e a magia*. Curitiba: Prisma, 2016.
- LIMA NETO, B. M. Os líbios na África romana: novas perspectivas historiográficas a partir das escavações arqueológicas em Ghirza e no Fazzan. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n. 19, p. 3-21, 2020.
- LIMA NETO, B. M. Paideia e ascensão social na África romana: a biografia de Apuleio de Madaura (séc. II d.C.). *Herodoto*, v. 3, n. 2, p. 72-87, 2018.
- LIVERANI, M. *Aghram Nadarif: a Garamantian citadel in the Wadi Tannezzuft*. Florence: Society for Libyan Studies, 2006.
- LIVERANI, M. Aghram Nadharif and the southern border of the Garamantian kingdom. In: _____. *Arid lands in Roman times*. Firenze: Edizioni all'Insegna del Giglio, 2003, p. 23-36.
- LIVERANI, M. The Libyan caravan road in Herodotus IV. *Journal of the Economic and Social History of Orient*, n. 43, p. 496-520, 2000.
- MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: MOKHTAR, G. (coord.). *História Geral da África*. São Paulo: Ática, 1985, p. 473-509.
- MARTINS, M.; SILVA, G. V. Cidade antiga e sociedade: narrativas e diálogos interdisciplinares. In: FERRERO, A.; MARQUES, A. (coord.). *Atas do II Congresso Histórico Internacional*:

- as cidades na história – sociedade. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, p. 75-108, 2019.
- MATTINGLY, D. J. The Garamantes and the origins of Saharan trade. In: MATTINGLY, D. *et al. Trade in the Ancient Sahara and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 1-50.
- MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*. Michigan: University of Michigan Press, 1994.
- MENDES, N. M. Romanização e as questões de identidade e alteridade. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 11, p. 25-42, 2001.
- MORI, L. Between the Saara and the Mediterranean coast: the archaeological research in oasis of Fewet and the rediscovery of the Garamantes. *Bolletino di Archeologia Online*, n. 330, p. 17-30, 2010.
- MORI, L. Fortified citadels and castels in Garamantian times. In: FRIEDERIKE, J.; VOGEL, C. (ed.). *The power of the walls: fortifications in Ancient Northeastern Africa*. Cologne: University of Cologne, 2013, p. 195-216.
- OLIVEIRA, J. C. M. *Sociedade e cultura na África romana*. São Paulo: Intermeios, 2020.
- RAVEN, S. *Rome in Africa*. London: Routledge, 1993.
- SHAW, B. Bandits in the Roman Empire. *Past and Present*, n. 105, p. 3-52, 1984.
- SHAW, B. O bandido. In: GIARDINA, A. (org.). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1991, p. 247-280.
- SILVA, G. V. A formação dos cidadãos do céu: João Crisóstomo e a *Christon paideia*. *Acta Scientiarum Education*, v. 32, n. 1, p. 7-17, 2010.
- SILVA, G. V. Um exemplo de polêmica religiosa no século II d.C.: a oposição Ísis X Atargatis nas *Metamorfoses* de Apuleio. *Revista de História da UFES*, n. 9, p. 27-39, 2001.
- TUAN, Y. F. *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: EDUEL, 2015.
- TUAN, Y. F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2015.
- VEYNE, P. Humanitas: romanos e não romanos. In: GIARDINA, A. (org.). *O homem romano*. Lisboa: Presença, 1991, p. 283-302.
- WALSH, P. G. *The Roman novel*. London: Bristol Classical, 1995.